

Melody e a erotização dos corpos e discursos infantis¹

Bárbara AMORIM²

André HOLANDA³

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)

Resumo

O presente trabalho tem por objetivo analisar o processo de erotização precoce a partir do caso da cantora mirim Melody, introduzida muito nova na indústria do funk e à luz da mídia. Para tal, será questionado como se dá o cruzamento da relação entre a menina e a mídia, esta, considerada aqui como TV, Youtube, sites e redes sociais. Será pensado também como esse processo de erotização é parte da cultura do estupro.

Palavras-chave: Melody; Erotização; Discursos; Mídia; Cultura do Estupro

Introdução

O ano era 2015 quando a cantora mirim Melody - na época, MC Melody - com apenas 8 anos era alvo de um inquérito do Ministério Público de São Paulo que investigava a exposição sexualizada de crianças e adolescentes no funk. A justificativa principal era de "forte conteúdo erótico e de apelos sexuais".

Na época, o pai da menina, que também é seu produtor musical, corria o risco de perder a tutela da filha por permitir e incentivá-la a dançar em festas noturnas e posar de forma sensual para fotos, além de postar vídeos dela dançando na internet. Como se já não bastasse, as letras cantadas por Melody não condizem com a sua idade, ou ao menos, com o que se espera de uma criança. Com a música "Fale de mim", que diz: "para todas as recalcadas, aí vai minha resposta, se é bonito ou se é feio, mas é foda ser gostosa", a cantora ganhou projeção, e muitas críticas.

Thiago de Abreu, ou MC Belinho, nome artístico do pai de Melody - hoje a menina de 11 anos - defende a sua postura e rebate as críticas de que seja um explorador infantil. Segundo declarações feitas por ele e divulgadas na mídia, todas as atitudes da filha são naturais, porém, um questionamento se faz necessário: de onde vem o discurso

¹ Trabalho apresentado na DT 7 – Comunicação, Espaço e Cidadania do XXIV Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste, realizado de 3 a 5 de junho de 2019.

² Graduanda de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, email: barbaralive25@gmail.com

³ Orientador do trabalho, professor do Curso de Jornalismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro; andreholanda73@gmail.com

disseminado pela cantora, seja em músicas ou entrevistas, em torno de assuntos como recalque, sensualidade e relações amorosas quando o próprio pai, por exemplo, afirma que ela ainda não tem idade para namorar?

Segundo Ariès (1973) lembra, as brincadeiras de caráter sexual, que fazem uso da genitália datam de tempos antigos. Não é de hoje que as crianças estão inseridas em um contexto de sexualização. Porém, no caso aqui pensado, a problemática se dá de forma ainda maior, pois se trata de pensar o lugar de uma criança na indústria cultural.

Ainda para este autor, “a família transformou-se profundamente na medida em que modificou suas relações internas com a criança” (ARIÉS, 1973, p.225). Essa transformação se dá, principalmente, quando a criança passa a frequentar a escola, o que faz com que ela entre em contato com culturas e valores diferentes dos de sua criação dentro de casa. Esses emaranhados de interferências atuam sobre a nossa construção enquanto sujeito. Entretanto, o que chama atenção é a construção da Melody enquanto um ser social, afinal, se cada pessoa é permeada por agentes externos que impactam nos nossos modos de ser e agir no espaço, não é possível que as atitudes dela sejam tão naturais assim.

Metodologia

A pesquisa aqui exposta tem por propósito analisar de forma exploratória e qualitativa o conteúdo de entrevistas, vídeos, músicas e material postado no Instagram da Melody. Deste modo pretende-se identificar, com o apoio de revisão bibliográfica, marcas de erotização apresentadas pela cantora em suas aparições.

Mídia, erotização precoce e discurso

De acordo com o portal Lunetas, site de “jornalismo para famílias e interessados na temática da infância” e uma iniciativa do Alana, organização da sociedade civil, sem fins lucrativos:

podemos entender que toda erotização infantil⁴ adultiza, mas nem toda adultização erotiza. Por exemplo, uma criança que aparece em uma propaganda de roupas vestindo sapatos de salto alto e batom está submetida à adultização, mas não é necessariamente erotizada. De modo que uma mesma propaganda que exiba partes do corpo, aí sim, expõe a criança à erotização, contribuindo para a ação de abusadores.

⁴ Explicação disponível em: <<https://lunetas.com.br/erotizacao-infantil/>> Acesso em: 27 nov, 2018.

Sendo assim, fica evidente que a Melody não apenas tem traços de adultização, por proferir falas disformes à sua idade, como também possui traços de erotização, por dispor de condutas intrinsecamente sexualizadas.

Não obstante, vale destacar que nenhum personagem se cria sozinho, mas sim é composto por forças externas. Por mais talentosa ou polêmica que ela pudesse ser, ainda assim ela não teria alcance popular para se findar se não fosse aspectos como interesse midiático, apoio e\ou rejeição por parte do público, e ela possui os três.

Em uma entrevista⁵ ao programa “The Noite”, comandado por Danilo Gentili, em dezembro de 2015, o apresentador, em determinado momento disse à Melody: “chupa!”, em referência a ele ter ganhado dois prêmios Troféu Imprensa, que premia os destaques da televisão brasileira e da música. A gíria, que pode ser entendida como “engole essa” ou “eu sou melhor”, dita em tom de descontração e certo clima de tensão, foi usada para provocar a menina, que fez o mesmo com Gentili. Nesse mesmo programa, outros dois detalhes são percebidos: a postura com que Melody inicia a entrevista, com as pernas cruzadas e postura ereta que desenha certa feminilidade, e o discurso bem elaborado - ou ensaiado – sobre ignorar as críticas feitas através da internet. No fim, é justamente essa união de pormenores que atrai a audiência, e se ela existe, o show não pode parar, seja quem for o personagem.

Ademais, Gentili é um bom nome para pensarmos no papel da mídia enquanto perpetuadora de determinados discursos. Um homem branco em um cargo de poder numa das maiores emissoras do país, que diz o que pensa, sem pudor, ignorando o “politicamente correto”. Suas declarações passam por falas racistas e até à pedofilia. Este ano a apresentadora Máisa postou uma foto em sua conta no Twitter em que aparecem duas amigas, uma norueguesa e uma russa. O contratado do SBT - Sistema Brasileiro de Televisão - respondeu ao tweet com a frase “Apresenta a Russa pra mim?”. Após isso surgiram diversos comentários chamando-o de pedófilo. Não cabe aqui julgar a real intenção da fala emitida pelo apresentador, se foi uma piada ou não, mas cabe dizer que o que foi dito, vindo de uma pessoa tão influente como ele, só banaliza ainda mais a pedofilia.

Figura 1- Print do Twitter de Danilo Gentili

⁵ Entrevista da Melody para o “The Noite” disponível em: <<https://youtu.be/5EeHTOZbtkQ>> Acesso em: 27 nov, 2018.



Danilo Gentili ✓
@DaniloGentili



Apresenta a Russa pra mim?

Traducir Tweet



10:59 a. m. · 02 ago. 18

Fonte: Twitter do Danilo Gentili

“Uma das leis não escritas de nossa moral contemporânea, a mais imperiosa e a mais respeitada de todas, exige que diante das crianças os adultos se abstenham de qualquer alusão, sobretudo jocosa a assuntos sexuais” (ARIÈS, 1973, p.125). Entretanto, o que tem ocorrido com exponencial intensidade é não apenas a abordagem de assuntos relativos à sexualidade na presença das crianças, mas a inserção das mesmas em espaços de adultos, com consumo de bebidas, drogas e sexo.

De acordo com Martins, Avallone e Laranjeira (1998, p.2).

a descoberta da sexualidade infantil data dos estudos de Freud. No entanto, quando observamos a presença das musas da televisão nas brincadeiras infantis, não podemos deixar de observar que alguma coisa está fora de lugar. Trata-se, certamente, de uma inclusão de signos do universo adulto no mundo da criança.

É possível dizer que a mídia cumpre um papel ambíguo ao tratar de erotização infantil. Se por um lado ela é combativa e se propõe a pautar o tema, por outro, há certa dose de hipocrisia, tendo em vista que ela mesma abre espaço para que a erotização se perpetue. Em 2018, o programa⁶ "TV Fama", da Rede TV, entrevistou a Melody e a questionou sobre um suposto implante de silicone nos seios, após indagações surgirem devido ao clipe da música "Hoje eu tô um nojo", da cantora. Vale recordar que ela tem somente 11 anos. Ao se propor a falar sobre o assunto e dizer que ri desse tipo de

⁶ Entrevista da Melody para o "TV Fama" disponível em: <<https://youtu.be/TWznpL8JE0k>> Acesso em: 27 nov, 2018.

comentário, ela ganha mais destaque na mídia. Assim, há uma relação estabelecida entre a Melody, que é uma construção até no nome, e por identidade se chama Gabriela Abreu, e a mídia, que vende a imagem dela e se apropria de determinados debates. Porém, nesse cabo de guerra ainda há somente uma vencedora, e esta, definitivamente não é menor de idade.

Para Sobral (2014, p.11), “precisamos, sim, defender a produção de conteúdos de qualidade para o público infantil. No entanto, precisamos, acima de tudo, aprofundar o debate e olhar para a criança também como um ser capaz de ressignificar, produzir e transformar conteúdos”. Porém, neste caso, talvez o empecilho maior esteja no fato de o próprio pai da Melody estimular e dizer que não vê problema algum na filha agir da maneira como age publicamente.

Nesse interim, como Sérgio (2013, p.12) julga, “as meninas, especialmente, são levadas a crer que a vaidade e beleza são componentes fundamentais de ser mulher”. Nas produções midiáticas não faltam exemplos de personagens jovens e sensuais, entre 13 e 16 anos, denominadas de lolitas e ninfetas, que seduzem homens mais velhos por puro prazer. Esse tipo de representação embarcada em uma fetichização e erotização da imagem da menor só reforça os estereótipos que reinventam dia após dia a cultura do estupro.

Não cabe à sociedade e nem à mídia tratar a infância de modo simplista, mas sim entender que seu mecanismo é dos mais complexos. Em uma análise das letras da personalidade aqui discutida ficam evidentes aspectos como competição feminina, estética como fator de destaque, e reforço de estereótipos, como apresenta o clipe da música “Tô bem, tô zen”. Nesta, o velho clichê sobre a menina tímida que sofria *bullying* no colégio e certo dia aparece com o visual repaginado é posto em voga. Assim, a solução dos problemas da vida de uma garota se define imagetivamente, e claro, é arrematada com a aceitação do garoto popular que sempre a renegava. Nada novo no discurso que estamos acostumados a assistir nos filmes e novelas, e tão popularizado pelo quarto poder, que observa a Melody crescer enquanto a insere num palco frágil, sem muito suporte.

Funk e cultura do estupro

Pensar a erotização de meninas a partir de um contexto musical nos faz pensar o lugar do funk na sociedade e os enlaces com a cultura do estupro. A partir disso, torna-se fundamental entender em quais âmbitos Melody está inserida.

Desde pequena suas referências não eram de artistas que cantam para o público infantil, mas sim personalidades adultas como Anitta e Mariah Carey – mulheres notoriamente reconhecidas por seu trabalho e também pela sensualidade. Como elucida Gomes (2015, p.112) “os atributos físicos, em boa parte das matérias de televisão, portais de notícia e jornais, aparecem como importante capital”. Nem mesmo uma criança está distante dessa realidade, e Melody é a prova viva disso. Em um vídeo disponível no Youtube⁷, datado de 2015, ela aparece em uma casa de shows noturnos dançando funk de forma extremamente sensual e erotizada. Quem observa tudo isso? Seu pai, que canta e incentiva a filha a continuar rebolando de pernas para o ar na frente de uma multidão de pessoas adultas, que gritam de histeria e filmam a menina ao som do Bonde das Maravilhas.

Sobre a representação das mulheres no funk, Facina (2010, p.7) explica: “estas, que antes eram uma minoria absoluta no funk e se restringiam a cantar o amor romântico, aparecem agora falando abertamente de sexo e de suas preferências na cama”. Se pensarmos que vivemos em uma cultura da repressão dos desejos femininos, fica ainda mais evidente que o fato de uma mulher poder cantar hoje sobre aquilo que socialmente lhe é negado é um avanço. Porém, no caso aqui abordado, se trata de pensar o lugar ocupado por uma criança na indústria do funk, o que complexifica um pouco mais a situação.

Nas músicas da Melody, que geralmente são escritas por ela mesma, pela sua irmã, Bella Angel, ou pelo seu pai, MC Belinho, e às vezes até pelos três, não encontramos uma potencial manifestação sexual. Entretanto, para além da produção autoral, a menina grava *covers* e faz paródias de outros artistas, em que muitas vezes acaba por se expressar de modo sensual demais. Um exemplo disso pode ser visto com o sucesso de “Vai, malandra”, da cantora Anitta, que virou paródia interpretada pela mirim. No vídeo⁸, ela aparece de biquíni em uma laje dançando dentro de um carrinho de mão segurando uma bexiga. Já em “Vai rebola”, clipe que fez sucesso e faz parte do repertório pessoal dela, a cara é de criança, apesar da maquiagem, porém, o que se destaca é o fato dela cantar e dançar como adulta em coreografias ensaiadas. Até mesmo em suas músicas com maior enfoque infantil se detecta algo curioso – não chega a haver uma erotização, mas se percebe uma adultização devido a trejeitos não compatíveis com a idade. Em “Deixa

⁷ Vídeo disponível em: < https://youtu.be/sUL_TwVA3uE > Acesso em: 27 nov, 2018.

⁸ Paródia de “Vai Malandra” disponível em: < https://youtu.be/eia_7vu6syk > Acesso em: 27 nov, 2018.

rolar”⁹, lançada em 2018 com o pequeno Vinny Moraes, que canta sertanejo, a letra propõe um romance, uma espécie de fuga da infância, como se nota na letra: “seu beijo dá calor, eu sempre quero bis, pois só com você eu consigo ser feliz”. A composição é de MC Belinho.

Gomes (2015, p.30) lembra que: “os empresários e DJs do funk, por exemplo, são quase todos homens, o que, na prática, afeta consideravelmente o conteúdo a ser produzido e divulgado nos bailes e nas rádios (as que costumam tocar funk)”. A crítica ao gênero periférico não é nova, e baseada nela é que o pai de Melody faz sua defesa quanto à exposição da filha, e diz que “falam mal só pelo funk”.

Pois bem, há certa coerência na fala do MC, tendo em vista que para muitas pessoas o funk não passa de um ritmo de baixo calão que faz apologia às drogas, reforça estereótipos e incentiva o sexo. Porém, a crítica em torno da Melody não se refere ao gênero musical que ela canta, não somente, mas sim o que ela canta e como faz isso. O debate fica pobre se focarmos em um único aspecto, por isso é importante analisarmos os aspectos como um todo. Não se trata de conservadorismo barato afirmar que colocar uma criança no palco da sociedade (ou de uma casa de shows noturnos) é perigoso por diversas questões. Somos o país que estupra mulheres a cada 11 minutos e as culpabilizam por isso, e mesmo a Melody ainda não sendo uma mulher, está diante de valores em conflitos como a sexualidade precoce, o machismo e a própria cultura do estupro.

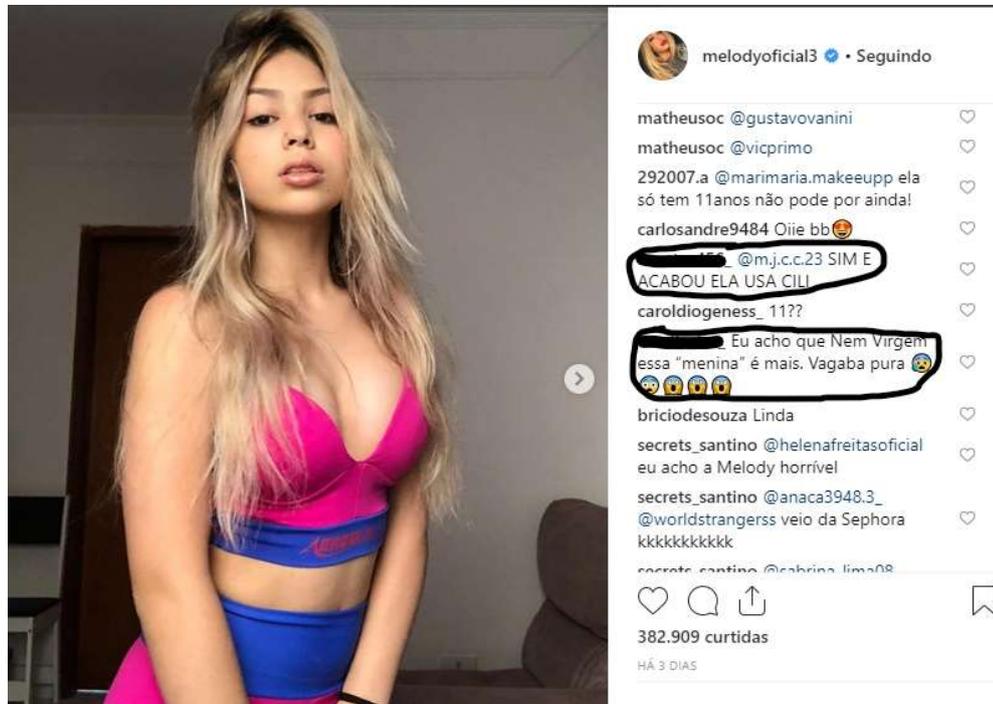
Em 2017, a Secretaria de Assistência Social do Amazonas lançou uma campanha contra a erotização infantil com o *slogan* “Criança não namora, nem de brincadeira”. A cartilha que acompanhava a campanha explica que “erotização infantil acontece quando o adulto transfere para a criança algo que ela ainda não tem condições de lidar por falta de aportes emocionais que ainda lhe faltam”. A exemplo disso existe a classificação indicativa, que estabelece uma idade mínima apropriada para que a criança tenha contato com determinado conteúdo.

Ao crescer sob os holofotes da mídia e da indústria do funk, Melody é confrontada com o sexismo, presente em ambas. Com apenas 11 anos de idade ela vive na cruzada entre uma onda feminista e um mar de comentários machistas onde quer que haja veiculação de seu nome. Em suas fotos no Instagram encontramos comentários de pessoas que dizem que ela usa silicone e até mesmo questionam a sua virgindade. São apenas

⁹ Vídeo disponível em: < https://youtu.be/eoaEQ-N5_pY > Acesso em: 27 nov, 2018.

alguns dos comentários que ela recebe diariamente, de cunho sexista. Porém, tais falas reforçam a solidificação de uma personagem que se alinhou à figura de Melody desde muito cedo e cada vez mais tem sido aceita – a personagem de uma mulher.

Figura 2- Print do Instagram da Melody



Fonte: Instagram pessoal da cantora

Para a criança que ela é e está inserida no universo do funk, cujas letras, muitas vezes objetificam meninas através de termos como “novinha” - supostamente, a menina menor de 18 anos que atrai homens mais velhos, os riscos de um empoderamento superficial e limitante são grandes. Por estar em contato direto com essas letras que hipersexualizam mulheres e ter como referências cantoras que utilizam como um dos seus instrumentos de trabalho o corpo, a longo prazo esses detalhes podem se tornar algo maior, que remete à validação de determinadas crenças. Acreditar que uma mulher precisa da aceitação e apreciação dos homens é um exemplo dessas crenças, que submetem a mulher a um lugar de inferioridade, já que o homem, estando em lugar de poder, conduz as regras do jogo.

Ademais, há algo de muito errado no fato do termo “novinha”¹⁰ ser um dos mais buscados em sites pornográficos. Isso representa um fetiche escancarado de nossa sociedade, cuja cultura do estupro tem como mais da metade de suas vítimas menores de

¹⁰ Definição do termo “novinha” disponível em: < <https://piaui.folha.uol.com.br/novinha-a-palavra-que-virou-palavrao/> > Acesso em: 27 nov, 2018.

13 anos. Além disso, há uma negação por parte da população em persistir na ideia de que não há uma cultura do estupro, o que reflete no quanto a falta de informação de qualidade interfere no olhar das pessoas. O que ocorre é uma visão deturpada do que significa tal conceito. Segundo uma das definições do dicionário ¹¹online Michaelis, cultura é o “conjunto de conhecimentos adquiridos, como experiências e instrução, que levam ao desenvolvimento intelectual e ao aprimoramento espiritual; instrução, sabedoria”, ou seja, é o modo como determinado grupo vive, sendo variante de uma região para outra. Não necessariamente é algo positivo, como é o caso da cultura do estupro, que se manifesta pelo modo como o machismo se instaura criando uma rede de dominação do homem sobre a mulher, com caráter sexual.

O funk, ao fazer uso de determinados termos eróticos e muitas vezes misóginos, age como um amplificador da sociedade, que canta uma realidade repleta de vivências e preconceitos, mas ainda sim uma realidade. Quando crianças, sobretudo meninas, menores de idade, incorporam essa realidade como uma verdade absoluta e imutável, estamos diante de uma estrutura defasada de sociedade, que desde a infância aloca meninas e meninos em caixas diferentes, inclusive, de privilégios. O homem é o “garanhão”, a mulher é a “cachorra”. Ele pode sair com quantas mulheres quiser, mas se ela sai com mais de um homem logo é julgada como promíscua.

Considerações finais

Em suma, o que foi percebido é uma estrutura de três andares composta por família, mídia e interesse público. A junção das três frentes foi percebida no processo de erotização da artista mirim Melody, na qual se tem a construção da personagem de uma mulher, e pode nos ajudar a pensar os novos sentidos de infância na contemporaneidade.

Se por um lado a família é a responsável número um pela educação das crianças, os modos de pensar e agir delas passam por interferências que vão desde à socialização na escola ao que elas assistem e têm como referências midiáticas.

A banalização da infância pela mídia, que trata meninas como mulheres e reforça estereótipos fetichizados, contribui para a imagem romantizada da pedofilia e do estupro. Tal representação das fases da vida em que ainda não se alcançou a idade adulta deve ser

¹¹ Definição de “Cultura” disponível em: < <http://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/cultura/> > Acesso em: 27 nov, 2018.

repensada pelos críticos e estudiosos de mídia, que devem pautar o tema da erotização precoce.

Não adianta mais esconder as crianças do mundo, numa tentativa de protegê-las dos perigos que as cercam. Estamos na era do consumo - e do consumismo -, isto é, as crianças, em boa parte, têm acesso aos aparatos digitais como *smartphones* e *tablets*. É utópico acreditar que as novas gerações são seres passivos e desinformados. Entretanto, cabe aos pais agirem como defensores da infância, delimitando o que é de acordo com a idade seja ao se tratar de roupas, maquiagem ou mesmo informação. Porém, sabido que ela está em todo lugar, é fundamental que haja uma mediação à base de conversa num tom mais educativo do que autoritário, para que a própria criança crie sentido em relação ao que é proveitoso para a sua idade e o que não é.

Todavia, em casos semelhantes aos da Melody, quando falta o aporte dos pais para que haja uma mediação, a escola deve ser o fator de destaque, pautando questões relativas à sexualidade, abuso de menores e retratando a infância como ela de fato deveria ser – simples e natural. Somado a isso, mais campanhas do governo contra a erotização precoce no intuito de informar a população sobre os riscos desse processo são essenciais.

Contudo, também é preciso que a sociedade civil organizada se aproprie do debate, se manifestando quanto aos casos de erotização precoce expostos na mídia ou no seu dia-a-dia. Enquanto houver a naturalização de que meninas com menos de 10 anos de idade podem se espelhar em mulheres adultas, como ocorreu com a Melody da forma mais caricata possível, continuará a existir uma margem para que muitas delas cresçam sem sequer ter o entendimento sobre seus corpos.

Referências bibliográficas

ARIÈS, Philippe. **História Social da Criança e da Família**. 2. ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1973.

FACINA, Adriana. Que Batida é Essa? .2010. In: CASTRO, André e HAIAD, Juliana (eds). *Funk, que Batida é Essa?* Rio de Janeiro: Ed. Aeroplano.

GOMES, Mariana. **MY PUSSY É O PODER**. Representação feminina através do funk: identidade, feminismo e indústria cultural. 2015. 182 f. Dissertação (Cultura e Territorialidades). Universidade Federal Fluminense, Niterói.

MARTINS, F. C.; AVALLONE, S.; LARANJEIRA, S. **A Erotização da Infância nos Meios de Comunicação de Massa Brasileiros**: algumas observações. Disponível

em:<<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/57927a63a3a487ce9a23144dae215880.pdf>>
Acesso em: 27 nov, 2018.

SÉRVIO, P.P.P.; **Pedofilia, meninas, mulheres e publicidade**: provocações para uma educação da cultura visual. Anais do VI Seminário Nacional de Pesquisa em Arte e Cultura Visual, Goiânia, p. 921-932, 2013.

SOBRAL, Jacqueline. **Mídia, infância e cotidiano**: a resignificação de conteúdos eróticos e sexuais por crianças em contextos populares. Ponto-e-Vírgula, São Paulo, p. 151-162, 2014.